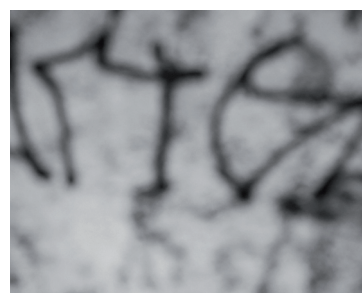


# Imaginando uma entrevista outra história da com Marcelo resistência negra: D'Saete



Marcelo D'Saete. 2017, fotografia (detalhe).

## *Ivan Lima Gomes*

Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor da Faculdade de História e do Programa de Pós-graduação em História e do Mestrado Profissional de Ensino de História (ProfHistória) da UFG. Autor do livro *Os novos homens do amanhã: projetos e disputas em torno dos quadrinhos na América Latina*. Curitiba: Prismas, 2018. [igomes2@gmail.com](mailto:igomes2@gmail.com)

## Imaginando uma outra história da resistência negra: entrevista com Marcelo D'Saete<sup>1</sup>

Imagining another black resistance history: interview with Marcelo D'Saete

*Ivan Lima Gomes*



### Apresentação

Marcelo D'Saete (São Paulo, 1979) é quadrinista, ilustrador e professor, desde 2011, de Artes Visuais na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP. Publicou seu primeiro trabalho, *Noite luz*, pela Via Lettera, em 2008. Ao lado de *Encruzilhada* (Leya, 2011; Veneta, 2016), tais obras tratam dos desafios de se viver na cidade de São Paulo a partir de temas como desemprego, juventude negra e preconceito. Em *Cumbe* (Veneta, 2014), manifesta-se de forma mais explícita o interesse pela história da escravidão negra na América Portuguesa. O tema merecerá tratamento mais denso em *Angola Janga* (Veneta, 2017), que consolida o nome de Marcelo D'Saete na história das histórias em quadrinhos (HQs) brasileira. D'Saete situa a temática racial em primeiro plano, assumindo a desigualdade racial brasileira como mote para a elaboração de narrativas dedicadas a uma complexa reflexão a respeito da condição do negro no Brasil. Além disso, a questão racial lhe possibilita desenvolver uma estética absolutamente autoral. Desde o ponto de vista narrativo, suas obras trazem uma miríade de personagens cujos rostos e ações dão concretude aos debates por ele sugeridos, ao incorporarem os desafios, resistências e dilemas históricos vividos pela população negra e sentidos na pele. Tal ênfase nas trajetórias de tantos personagens que vêm e vão e se entrecruzam ao longo das páginas das HQs sinaliza para uma narrativa que, a princípio descontínua e marcada por algo próximo àquilo que historiadores classificariam de micro-história, percebe certa integração entre essas experiências a partir da condição racial que atravessa suas histórias e trajetórias pessoais. Como resultado, D'Saete constrói uma obra repleta de simbologias, explorando o contraste entre o claro e o escuro e aliando um profundo apuro estético às questões políticas do nosso tempo.

\* \* \*

**I. L. G.** – *Gostaria que você falasse um pouco sobre sua formação como apreciador de arte e, mais precisamente, de quadrinhos. Vindo de um meio urbano e informado pela cultura do hip-hop e do grafite, passando pela formação universitária e atualmente no ensino de história da arte para crianças, como você pensa que seu trabalho concilia cada uma dessas facetas da sua trajetória? Consegue perceber aproximações entre elas? De que modo? Como a cultura de artes urbanas como o hip hop e os quadrinhos informa a cultura acadêmica – e vice-versa?*

<sup>1</sup> As perguntas desta foram encaminhadas ao artista via e-mail e respondidas em áudio durante o mês de outubro de 2018. A revisão final seguiu-se durante os meses de novembro e dezembro, sob acompanhamento de Marcelo D'Saete.

**M. D'S.** – A minha formação foi em artes gráficas e artes plásticas. Tive uma grande influência, fora da academia e do ensino formal, do *rap* e do *hip-hop* no final da década de 1980 e começo de 1990. Isto abriu minha mente para que buscasse informações em outras áreas, como literatura. Foi a partir da música que eu acabei chegando no Quilombhoje<sup>2</sup>, nos *Cadernos Negros*<sup>3</sup>, e, depois, no cinema. Todas essas experiências acabaram me alimentando. Pesquisei sobre a presença negra na arte, cultura e história na graduação e na Pós-graduação. O meu mestrado é sobre arte afro-brasileira.<sup>4</sup> Tudo isso propiciou um universo de referências para falar sobre a experiência negra em um país como o Brasil. E como esta sociabilidade de hoje é moldada a partir de fatos históricos. Fiz alguns trabalhos de grafite, mas isso foi há bastante tempo. Onde eu estudei, no Carlos de Campos<sup>5</sup>, tinha uma tradição de grafite muito forte. Cheguei a pintar alguns muros, mas logo depois acabei voltando grande parte da minha energia para os quadrinhos e para ilustração.

**I. L. G.** – *Longe de ser uma espécie de “identidade secreta”, você parece lidar com sua dupla identidade de professor de História da Arte e artista de quadrinhos com bastante naturalidade. Como você concilia cada atividade? Ou seja, do ponto de vista prático, ligado à sua rotina de trabalho e à organização das respectivas demandas que cada função exige, passando por processos formativos e criativos atinentes a cada um, como você entende as relações entre sua atuação profissional como docente e historiador da arte e artista criador de histórias visuais?*

**M. D'S.** – Eu atuo como professor. Faço histórias em quadrinhos no restante do tempo que tenho. Foi algo que eu consegui desenvolver razoavelmente bem durante um bom tempo. Hoje em dia, confesso que está um pouco mais difícil de conciliar essas atividades todas. Ser professor é algo extremamente rico e interessante. Eu aprendo muito nesses contatos e isso acaba influenciando os trabalhos que estou realizando. Agora, claro, ser professor é algo que ocupa grande parte do tempo. Permanentemente você está pensando em atividades, em propostas, em ações e na dinâmica de uma escola que se pretende democrática. É uma troca muito rica com os alunos. Aprendo bastante com eles. Procuo possibilitar, dentro da área de artes visuais, trabalhar com algo que é extremamente relevante nos dias de hoje: leitura, apreciação e discussão de imagens, além do espaço de criação e debate.

**I. L. G.** – *Ainda no campo das aproximações entre ensino de história da arte e quadrinhos, em trabalhos como Cumbe e Angola Janga percebe-se o esforço pela elaboração de uma narrativa que contribua para apresentar outro lado de uma história que é pouco narrada em profundidade. A partir do seu trabalho, como você percebe as implicações éticas do ensino e da criação artística?*

**M. D'S.** – A elaboração do *Cumbe* e do *Angola Janga* começou por volta de 2004. Não tinha uma ideia muito clara do que eu estava fazendo logo no início. Sabia que era algo falando sobre Palmares, sobre um grande conflito armado. Vamos dizer assim: o tamanho, a dimensão dessa empreitada foi se formando com o tempo. Aos poucos, notei que havia algo para explorar, usando o formato quadrinhos, em termos de resistência contra a violência do período colonial. Uma forma de contra narrativa, opondo-se ao conceito de harmonia racial e social em nossa formação, que persiste ainda hoje.

<sup>2</sup> Coletivo e editora criado em 1982, a partir da reunião de diversos escritores paulistas preocupados em produzir obras literárias voltadas para a questão negra no Brasil. Cf. CORREIA, Severino do Ramo. *Quilombhoje: um tambor expressando as vozes literárias negras*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – UEPB, Campina Grande, 2010.

<sup>3</sup> Publicado pela primeira vez em 1978, a antologia *Cadernos Negros* inspirou a criação do Quilombhoje e completou quarenta anos de publicações anuais em 2018. Cf. ANTÔNIO, Carlindo Fausto. *Cadernos Negros: esboço de análise*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Unicamp, Campinas, 2005.

<sup>4</sup> Ver SOUZA, Marcelo de Salette. *A configuração da curadoria de arte afro-brasileira de Emanuel Araújo*. Dissertação (Mestrado em Estética e História da Arte) – USP, São Paulo, 2009.

<sup>5</sup> Trata-se da Escola Técnica Carlos de Campos, fundada em 1911 e localizada no bairro do Brás, em São Paulo.

<sup>6</sup>Menção à campanha eleitoral para a presidência da República de 2018, marcada, entre outras coisas, pelo amplo uso difamatório de notícias falsas e declarações de cunho racista e homofóbico proferidas, sobretudo, pelo então candidato Jair Bolsonaro, o qual, por sua vez, foi vítima de um ataque a faca em meio a essa disputa.

<sup>7</sup>Menção a Jair Bolsonaro, provavelmente com base na fala como a proferida durante palestra na sede carioca da Hebraica, em abril de 2017. Na ocasião, sugeriu analogias entre quilombolas e animais, ao dizer que “o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas [arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg]. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>>. Acesso em 28 dez. 2018.

<sup>8</sup>Menção a Hamilton Mourão, general da reserva e então candidato a vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro. A título de ilustração, destaca-se um pronunciamento de grande repercussão, feito num evento em Caxias do Sul, sobre o subdesenvolvimento no Brasil e na América Latina. Na ocasião, Mourão afirmou que o Brasil “herdou a cultura de privilégios dos ibéricos, a indolência dos indígenas e a malandragem dos africanos”. Disponível em <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,mourao-liga-indio-a-indolencia-e-negro-a-malandragem,70002434689>>. Acesso em 28 dez. 2018.

No momento de uma eleição presidencial acirrada, este debate aparece ainda mais.<sup>6</sup> Esses discursos tentam anular conflitos intensos contra um projeto colonial e centralizador. Formas de resistência protagonizadas pela população marginalizada, negra e indígena. Aos poucos, fui percebendo a dimensão do livro dentro de todo esse âmbito. Muitas vezes, conversando com outras pessoas, surgem aí novas ideias e possibilidades de leituras dessas imagens e dessas narrativas. No mais, a ideia do livro é apresentar esses personagens de uma forma humana e com toda sua complexidade. Claro, isso é sempre uma tentativa, mas imagino que consegui chegar bem próximo do que eu pretendia. A ideia é humanizar esses personagens e fazer com que as pessoas vivenciem, de certo modo, aquele período a partir deles, observando, também, as suas contradições.

Dentro do ensino, trazer essa perspectiva é relevante. Pois ainda temos um ensino formal que trata, muitas vezes, a nossa história de um modo linear e harmonioso. Isto rompe com ideias de conflito e com outras possibilidades de compreender essas narrativas. Não que os professores não estejam tentando construir esse debate em muitos locais. De fato temos muitos projetos bons por aí. Mas a dimensão conservadora, negando a violência e impondo uma ideia de harmonia social, ainda é muito forte no contexto escolar. A escola precisa ser um local de debate e discussão das diversas concepções de sociedade de hoje e do passado.

**I. L. G.** – *Que diálogos você consegue perceber entre seu trabalho e os debates em torno das políticas raciais que ganharam corpo nos últimos anos? E como situa sua produção no atual cenário, em que, ao lado do amadurecimento de tais discussões, observa-se a ascensão de discursos repletos de conotação racista entre políticos e outras pessoas públicas?*

**M. D’S.** – A história, realmente, não é algo simples e linear. Hoje temos debates muito afiados em relação a discriminação, racismo institucional, branquitude e diversos outros conceitos para tentar dar conta desses problemas, desse universo social em que nos deparamos. Grande parte dessa discussão está, sim, em grupos de vanguarda. Entretanto, isto convive com uma grande maioria de pessoas que estão de fora dessa discussão. Grupos que negam a existência da discriminação e do racismo. Ao mesmo tempo em que observamos este lado mais avançado da discussão, também presenciamos outro lado ainda reafirmando antigas concepções – de separação, de exclusão e de hierarquia entre os diversos grupos que compõem o nosso espaço social. Isso está na fala do atual presidente<sup>7</sup>, isso está na fala do candidato a vice<sup>8</sup> e isso está na fala de outras pessoas também. São falas que reafirmam um Brasil desigual. Isto aparece de modo cristalino, sem nenhum problema e com pouquíssimo debate. Estamos num contexto de grande crise. As perdas podem ser enormes (para a classe trabalhadora, negra, indígena, periférica, mulheres e LGBTQI). Mas por outro lado, será muito necessário, de fato, a organização de uma oposição popular ferrenha a esse tipo de política. Nenhuma ação autoritária surge sem a sua devida resposta, seu revide. Sem a sua devida contraposição. As perdas serão muito grandes, mas não podemos esquecer que a esperança pode ser, sim, um elemento insuportável para qualquer política autoritária.

**I. L. G.** – *Ao atentarmos para o conjunto de seus trabalhos, chama atenção a virada que ocorre a partir de Cumbe. De narrativas curtas e ambientadas no meio*

*urbano contemporâneo, passamos a uma história com fôlego maior e em diálogo com processos históricos brasileiros. A que credita tais mudanças?*

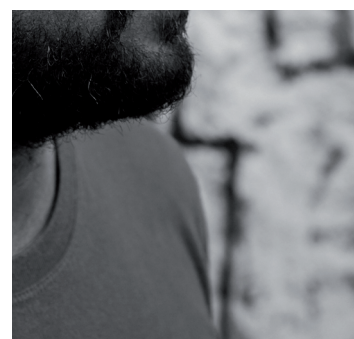
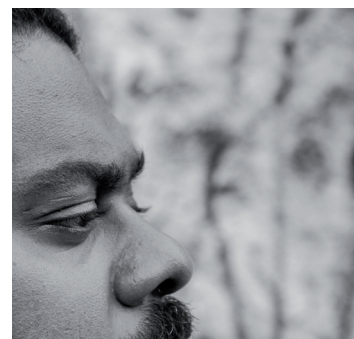
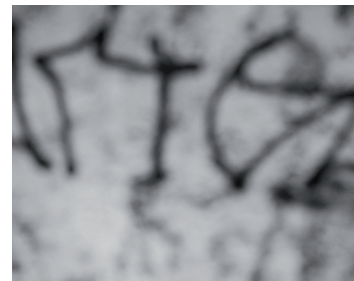
**M. D'S.** – Os dois primeiros livros, o *Noite luz* e o *Encruzilhada*, são trabalhos contemporâneos, mostrando conflitos dentro das grandes cidades. Estes trabalhos tratam de uma sociabilidade fraturada, cindida, dos conflitos em grande parte sociais e raciais. Eles mostram a cidade a partir de uma perspectiva específica – em grande parte jovem, periférica, negra e marginalizada dos processos econômicos sociais. Há uma conexão com os outros livros, o *Cumbe* e o *Angola Janga*, pois trata de uma narrativa periférica e negra também. Outra coisa importante: desde quando eu estava fazendo o primeiro livro, *Noite luz*, em 2008, já estava trabalhando com pesquisas sobre o Brasil colonial, escravista e negro. Tudo começou a partir de Palmares em 2004. Em 2006 foi quando fiz uma primeira versão de roteiro. Depois, comecei a desenvolver esse trabalho. Claro, fui percebendo cada vez mais que precisava estudar muito para compreender todo o período. Aos poucos, então, fui desenvolvendo essas pesquisas. Publiquei os livros *Noite luz* e *Encruzilhada* mas sempre voltava para essas pesquisas sobre o Brasil colonial. Tudo isso, para mim, está muito alinhado. Então, eu acabo tecendo diversas conexões entre esses livros todos. Embora, sim, eles falem de universos um pouco diferentes.

**I. L. G.** – *Como você observa as relações entre Cumbe e Angola Janga? São obras que podem ser lidas em separado ou devem ser lidas em conjunto? Que diferenças existiriam entre uma forma e outra de leitura?*

**M. D'S.** – A ideia original era que *Cumbe* fosse parte do livro *Angola Janga*. Mas, aos poucos, a obra estava ficando muito extensa e percebi que *Cumbe* era um livro com energia e universo próprios, se resolvia por si só, sem o *Angola Janga*. Resolvi separar as narrativas, mas acho que são livros interessantes de serem lidos em conjunto. Talvez, o *Cumbe* primeiro, já que é um livro que fala mais sobre o contexto colonial e escravista e da busca de humanidade desses africanos escravizados aqui no Brasil – busca por humanidade e autonomia sobre sua vida. Depois disso, o *Angola Janga*, que trata mais especificamente de Palmares.

*Cumbe* se aproxima do *Encruzilhada* e *Noite luz* devido à forma, porque é um livro no formato de contos, algo que eu gosto muito de trabalhar. Contos que você pode ler isoladamente, mas que acabam tendo conexões de uma narrativa com a outra. Isso acontece no *Noite luz*, no *Encruzilhada* e no *Cumbe*. Já *Angola Janga* tem uma diferença em termos de forma. É um livro que, embora tenha narrativas bem resolvidas individualmente, se assemelha mais a um romance. A história mostra um personagem singular, o Soares, e vários outros personagens que trafegam, conduzem essa narrativa junto com ele. Em alguns momentos, eu acabo dando mais atenção para outros personagens, mas ele é o fio condutor que está ali no começo, meio e fim da narrativa.

**I. L. G.** – *Angola Janga tem chamado a atenção de historiadores, educadores e outros profissionais de perfil acadêmico pelo cuidado com a reconstrução histórica a partir da utilização de aparato crítico. Nesse sentido, referências bibliográficas, epígrafes e outras instâncias paratextuais demarcam bem Angola Janga como um trabalho que busca integrar a pesquisa acadêmica à narrativa criativa. Como*



<sup>9</sup> Clóvis Moura (1925-2003) foi um sociólogo e historiador dedicado ao estudo das formas de resistência à escravidão e do papel do negro na historiografia brasileira. De orientação marxista, questionou premissas de Gilberto Freyre ao enfatizar as relações de dominação estabelecidas entre senhores e escravos e o papel dos quilombos na crítica à escravidão.

<sup>10</sup> Décio Freitas (1922-2004) foi um jornalista e historiador com vasta produção de obras de caráter crítico calcadas no referencial marxista, entre as quais se destaca *Palmares: a guerra dos escravos* (1973). Também se dedicou a pesquisas sobre a história e a cultura do Rio Grande do Sul, contando com ampla atuação na imprensa gaúcha.

<sup>11</sup> Ivan Alves Filho (1952-) é historiador e jornalista brasileiro com formação pela Universidade Paris-VIII (Sorbonne). Em 1988, publicou *Memorial dos Palmares*, primeiro de uma série de livros e documentários direcionados para a história e a cultura brasileiras.

<sup>12</sup> Flávio Gomes é doutor em História pela Unicamp e, atualmente, professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde pesquisa e leciona temas relacionados às resistências quilombolas e intelectuais negras, contando com ampla produção bibliográfica sobre tais campos de investigação histórica.

<sup>13</sup> Frank Miller (1957-) é autor – desenhista e roteirista – de histórias em quadrinhos, contando com vasta produção na área, entre as quais *Daredevil* (1979-1983; 1985-1986), *The dark knight returns* (1986) e *Sin city* (1991-1997). Suas obras são marcadas por uma estética sombria, próxima ao *noir*, além de revelarem uma inclinação política de perfil conservador.

<sup>14</sup> Sigla para Programa de Ação Cultural, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo criada em 2006 para apoiar projetos na área da cultura e artes. Disponível em <<http://www.cultura.sp.gov.br/tag/proac/>>. Acesso em 28 dez. 2018.

*se dá a relação entre pesquisa e obra de arte no seu processo de criação? Em que medida seu trabalho pode ser tomado como ficção ou como um “romance gráfico histórico/graphic novel histórica”?*

**M. D’S.** – Eu sempre tive em mente que o *Angola Janga* é um livro de ficção. Uma visão sobre Palmares muito especial e dentro da minha leitura pessoal sobre Palmares. A partir das diversas leituras dos livros que tratam desse conflito. Em nenhum momento tento apresentar isso como a única obra sobre o período. Não. É simplesmente uma ficção a partir de alguns fatos e a partir de outros historiadores que já falaram sobre Palmares, como Clóvis Moura<sup>9</sup>, Décio Freitas<sup>10</sup>, Ivan Alves Filho<sup>11</sup>, Flávio Gomes<sup>12</sup> e diversos outros. Eu organizei essas informações e elaborei uma narrativa interessante para ser lida hoje. Com muitas influências de autores de quadrinhos, como Art Spiegelman, Frank Miller<sup>13</sup>, o mangá *Vagabond* e diversos outros trabalhos. O meu interesse era trabalhar com essa narrativa no formato de ficção e de forma que fosse uma narrativa dinâmica e interessante para o leitor de hoje.

**I. L. G.** – *Ainda sobre Angola Janga, o tratamento recebido pela obra é digno de destaque: capa dura, lombada resistente e um cuidado com a qualidade do papel indicam uma produção bastante cuidadosa e à altura da qualidade presente no trabalho. Por outro lado, tal tratamento editorial informa sentidos à obra, dotando-a de grau de respeitabilidade raro na história das HQs brasileiras. Como foi o processo de edição da obra? Houve alguma dificuldade ou pedido especial em relação ao papel utilizado, à impressão das manchas escuras etc.?*

**M. D’S.** – A editora Veneta tem um trabalho muito bonito em relação a cada um dos livros publicados. Vale dizer que tanto *Cumbe* quanto *Angola Janga* foram apoiados pelo ProAC<sup>14</sup>, que é um programa de apoio à cultura aqui em São Paulo. Isso também foi importante para a gente ter todas as condições necessárias para que a edição fosse publicada do melhor modo possível.

Eu não tenho tanto fetiche por livros de capa dura. Tanto que os outros livros têm capa mole, e eu gosto deles assim. Por outro lado, depois de um tempo, era a primeira vez que eu publicava um livro nessa dimensão, com mais de 400 páginas. Provavelmente não vou publicar um livro tão grande assim tão cedo. Então, considerei que era um livro interessante para ser publicado em capa dura.

Papel pólen é um papel leve e isso colabora, também, para que o livro não vire um tijolo. Ele é um pouco mais poroso, não é tão branco e a leitura fica um pouco mais agradável ali. Claro, tive um cuidado com os tons de preto e branco para que saísse do melhor modo possível. Saiu do jeito que eu imaginava. O trabalho gráfico também foi de excelência. A única pena é que, infelizmente, com todo esse sistema de distribuição e de gráfica, quando o livro chega na livraria, chega com um preço elevado demais. A gente tentou fazer do melhor modo para que chegasse em um valor abaixo, mas, infelizmente, todo o sistema aqui no Brasil acaba encarecendo, razoavelmente, o livro. Por outro lado, tem muitos sites vendendo o livro com descontos. Isso ajuda para que as pessoas possam acessar o livro. No que for possível, eu tento sempre fazer com que esse tipo de publicação também chegue às bibliotecas públicas, às escolas e em espaços de formação.

**I. L. G.** – *Em Angola Janga, o tema muito concreto da história da escravidão no Brasil cruza-se com a subjetividade de personagens muito específicos: somos convidados a conhecer as histórias íntimas de escravos, libertos, senhores e capitães do mato e suas eventuais implicações no curso de processos históricos, tendo como pano de fundo a paisagem e a natureza, que se apresentam ora muito concreta, ora abstrata e repleta de simbolismos. Você considera tal relação um diferencial na forma de contar histórias via HQs? Em que medida avalia que tal recurso permite tocar em temas da história do Brasil por caminhos distintos a outras formas de narrar o passado? E como você pensa o papel de tal dimensão simbólica da natureza no seu trabalho?*

**M. D'S.** – Este universo eu tive contato a partir das leituras e pesquisas iniciais. Eu vi que tinham várias chaves de acesso a esse ambiente, a esse contexto histórico e social, que não tinham sido feitos no formato de histórias em quadrinhos. Eu tentei trazer isso, trazer um pouco desses conflitos para cá, para os quadrinhos. Isso tem aparecido em diversos estudos de historiadores, principalmente dentro da história social. A proposta é, a partir de narrativas bem singulares de escravizados, pensar o todo da escravidão. Além de pensar em tráfico, escravidão e números, precisamos pensar, também, nos conflitos, nos objetivos e buscas das pessoas naquele período. Para isso, o tipo de trabalho histórico do Robert Slenes, do Sidney Chalhoub, entre outros, é muito relevante. Foi isso que tentei fazer com o *Cumbe* e o *Angola Janga*: trazer esses personagens da forma mais humana possível e apresentar, também, as suas contradições. Tornar esses personagens humanos é imprescindível. Pois o racismo opera num viés de negação total da humanidade do outro, diz que o outro merece ser abatido, destruído, queimado e esquarterado, justamente por ele não ser humano.

Quando ouvimos um candidato dizer “o índio é preguiçoso e o negro é malandro”<sup>15</sup>, você quer dizer que há uma hierarquia entre os grupos raciais. Dentro dessa hierarquia, brancos, europeus, portugueses, estão acima; índios e negros estão abaixo, e ponto. É isso que eles estão falando. É isso que precisamos combater. Isto aparece em outra fala sobre o neto embranquecido.<sup>16</sup> Estes absurdos evocam um passado escravocrata, colonial e extremamente violento. Se não tivermos consciência dessa história, ela será apenas repetição.

**I. L. G.** – *Os quadrinhos no Brasil vivem momento inédito: editoras dedicam-se a publicar autores nacionais e internacionais com profissionalismo, HQs são celebradas publicamente por nomes ligados à crítica cultural e, não raro, são mesmo indicados a prêmios literários. Mais recentemente, o Prêmio Jabuti teve de incluir uma categoria exclusiva para quadrinhos. Como percebe seu trabalho no interior do atual mercado de HQs no Brasil? Em que medida considera que sua obra pode contribuir para apontar caminhos para a produção e edição de obras em quadrinhos no Brasil?*

**M. D'S.** – Os quadrinhos estão em um momento de produção muito rica no Brasil. Tem uma produção autoral muito forte e interessante. Os quadrinhos estão cada vez mais trazendo narrativas complexas e interessantes sobre o nosso período, sobre o nosso tempo, sobre o nosso contexto, sobre a nossa sociabilidade hoje e no passado. Os quadrinhos são um tipo de narrativa para pessoas de diferentes estratos sociais, para adultos, idosos e jovens, não apenas para o público infantil. Os quadrinhos podem dialo-

<sup>15</sup> Ver nota 8.

<sup>16</sup> Referência à fala de Hamilton Mourão (PRTB), então candidato à vice-presidente na chapa liderada por Jair Bolsonaro (PSL). Ao chegar ao aeroporto de Brasília, despediu-se de jornalistas com a seguinte declaração: “Gente, deixa eu ir lá que meus filhos estão me esperando. Meu neto é um cara bonito, viu ali? Branqueamento da raça”. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/06/mourao-cita-branqueamento-da-raca-ao-falar-que-seu-neto-e-bonito.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 28 dez. 2018.

gar com diferentes públicos e esse ainda é um desafio no Brasil: afirmar a complexidade e maturidade dos quadrinhos para trazer novas experiências de leitura e percepção.

**I. L. G.** – *Além do êxito no Brasil, sua obra tem despertado interesse internacional, vide o recente Eisner Award. Você acompanha a edição de sua obra no exterior? Percebe dificuldades na tradução, adaptação e leitura de suas HQs? É preciso fazer muitas intervenções no texto, explicando passagens da história do Brasil, termos e expressões utilizadas?*

**M. D'S.** – O livro foi publicado e traduzido no exterior. Algumas vezes eu converso com os tradutores para saber como eles estão lendo as obras e para tirar dúvidas. Tive muitas conversas com a tradutora da edição alemã e francesa. Considero que o livro acaba trazendo questões interessantes para pensar em tradução, porque exige conhecimento de um universo colonial, escravista e africano. Algo que, de fato, as pessoas de fora do Brasil conhecem pouco. Exige, também, que as pessoas acabem tendo que tomar algumas decisões editoriais sobre como traduzir termos específicos.

Embora o livro tenha um glossário no final, o que ajuda bastante, houve diferentes estratégias e modos de lidar, por exemplo, com a tradução do termo negro. No Brasil colonial, negro é sinônimo de coisa, objeto, não de pessoa. No Brasil de hoje, o movimento negro reafirma e utiliza a palavra negro como forma de descrever outra pessoa. Em outros países, o contexto e a discussão é diferente. Eles muitas vezes adotam outras palavras para se referir a esse grupo de pessoas. Isto é evidente no inglês (com o uso contemporâneo de *black* e não *nigger*), mas também tem reverberações no francês e alemão.

**I. L. G.** – *Por fim, quais são seus projetos futuros a serem desenvolvidos após Angola Janga?*

**M. D'S.** – Por enquanto ainda estou apenas pesquisando, tentando rascunhar alguns roteiros novos. Mas é bem capaz que o próximo trabalho seja um pouco mais contemporâneo e não um trabalho tão histórico quanto os últimos. Talvez volte para esse tema um pouco mais para frente.

*Entrevista recebida em 2 de abril de 2019. Aprovada em 12 de maio de 2019.*